



O Campo

Edição 20 • maio | junho • 2017

 Coopermota



GESTÃO FAMILIAR NA SUCESSÃO RURAL

▲ Produtor apresenta vantagens em milho irrigado por pivô

▲ Mexilhão traz grande impacto no custo de produção de pisciculturas

SUCEDER AO PAI (MÃE) OU TRILHAR NOVOS RUMOS

O avô de fulano comprou a propriedade onde ele cresceu, acompanhando seu pai na roça. Contudo, o ramo da agricultura não é exatamente o que está nos seus planos para o futuro. Fulano gosta da medicina. A propriedade rural, seja ela de grande ou pequeno porte, é um bem onde seus herdeiros ou sucessores atuam com entrega e dedicação. Assim como em outras profissões, ser agricultor exige que haja vontade por aquele que se envolve com a área. Não basta ser filho ou neto de produtor rural para nutrir dentro de si o gosto pelo negócio. Dificilmente alguém, de outros ramos profissionais, passa a se dedicar a agricultura sem nunca ter tido esta influência.

Desta forma, a definição sobre o que fazer da propriedade na ausência dos progenitores não é uma tarefa fácil. Exige muita compreensão entre aqueles que teriam o direito àquela área. O destino da propriedade será o arrendamento para terceiros sem um envolvimento direto da família neste quesito? Algum filho ou neto irá se interessar em fazer daquela propriedade um de seus negócios propriamente dito? Aquela propriedade continuará sob o comando da família que hoje detém a posse dela?

Diante da sua complexidade, a sucessão familiar nas propriedades rurais é e continua sendo tema de discussões e análises não só dos agricultores como também de pesquisadores de área acadêmicas. Em alguns casos, a adesão dos descendentes ocorre naturalmente, diante do potencial de negócio percebido por ele durante a sua vivência ao lado do avô, tio ou pai. Esta questão, entretanto, continua sendo um assunto mais voltado ao meio masculino. A sucessão de uma mulher no campo, sendo esta responsável pela decisão das medidas a serem tomadas ainda é exceção, embora ocorra em menor proporção.

Em Cândido Mota e Palmital, encontramos dois casos de uma sucessão que provavelmente manterá as famílias retratadas na reportagem como proprietárias da área que segue há algumas gerações sob a posse de seus herdeiros. No primeiro caso, em Cândido Mota, o comando ainda permanece com o pai, Antônio Ireno, porém aos poucos seus filhos e neto, Donizete, Wilson e Kauê, tomam posse de pequenas áreas ou setores até assumirem de fato a propriedade. Já em Palmital, Alexandre Andrade já assumiu a gestão da propriedade herdada do avô e seu pai. Com algumas dificuldades conta a sua paixão pela agricultura.

Além das abordagens sobre a sucessão familiar, a revista O Campo também traz reportagem sobre as vantagens da implantação de irrigação nas culturas de milho. Os benefícios desta tecnologia são retratados a partir da história da família Ludwig, de São José das Laranjeiras.

O leitor desta edição da revista também terá informações sobre a cultura do feijão cultivado em área de sequeiro. Os resultados que Fábio Daparé terá nesta safra será a sua primeira experiência do produtor, tendo em vista a resistência que até então o seu pai nutria diante dos riscos da cultura.

Uma curiosa variedade de mandioca, cultivada em Frutal do Campo, chamou a atenção da equipe de reportagem da O Campo, que foi até o sítio do produtor Antônio Facina para verificar o potencial produtivo da variedade. Avaliações visuais sugerem que a variedade, desconhecida atualmente, seja originada de um cruzamento espontâneo ocorrido na propriedade.

Além disso, uma série de artigos também trarão ainda mais subsídio ao agricultor no trato de sua lavoura.

Tenha uma boa leitura.

Vanessa Zandonade
Editora

▲ Expediente

EDIÇÃO, REPORTAGENS,
FOTOS E REVISÃO
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP

ARTE E DIAGRAMAÇÃO
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO
Magraf

TIRAGEM
3000 exemplares

ANÚNCIOS
Departamento de Comunicação Coopermota
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL
Guerreiro Agromarketing - Maringá
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO
Av. da Saudade, 85
Cândido Mota - SP
ocampo@coopermota.com.br

 **Coopermota**

PRESIDENTE
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE
Antônio de Oliveira Rocha

DIRETOR SECRETÁRIO
Sílvio Ap. Zanon Bellotto

Expectativa de boa colheita

Na maior parte das áreas de abrangência da Coopermota, o visual das plantações de milho empolga. As boas condições climáticas verificadas pelo menos até a primeira quinzena de junho contribuíram para que houvesse um bom desenvolvimento nas culturas e despertaram expectativas de boa colheita.

A Coopermota vem oferecendo diferentes formas de manter o produtor da região bem informado. Palestras de capacitação, cursos, eventos de demonstração de materiais, além da assistência técnica dirigida ao cooperado são as maneiras disponibilizadas pela cooperativa para a busca de alcançar o teto produtivo das lavouras. Sabemos que a informação é crucial, não só na agricultura como em qualquer outra atuação profissional ou social do ser humano. Nossos técnicos estão sempre atualizados para contribuir com as avaliações mais assertivas possíveis no encaminhamento das lavouras conforme a realidade de cada produtor, seja com maiores ou menores investimentos.

Neste momento de vésperas de finalização da safra de inverno, o que esperamos é que essas perspectivas de bons negócios e de alta produtividade se concretizem, contribuindo também para boas condições de iniciativas no ponto de vista de investimentos para a safra verão, que logo em seguida já estará na pauta das tomadas de decisões dos agricultores.

Esperamos que, de fato, os produtores obtenham bons resultados.

Boa safra!!!

Edson Valmir Fadel
Presidente da Coopermota

▲ Sumário

06

Famílias relatam processo sucessório de gestão de suas propriedades.

12

Pesquisa analisa impacto do mexilhão em pisciculturas.

16

Produtor fala de benefícios obtidos no milho com a irrigação via pivô central.

21

Feijão cultivado em área de sequeiro apresenta perspectivas de boa produtividade.

24

Possível cruzamento espontâneo de variedade de mandioca empolga produtor.

28

Evento técnico de mandioca atrai centenas de produtores.

30

Agricultores se mobilizam para criação de sede da Aprosoja/SP e Assis

32

CampoCooper avalia comportamento de materiais em diferentes realidades de clima e solo.

38

Festas juninas da Coopermota atraem milhares de pessoas em várias cidades.

42

Artigo Embrapa: pesquisador avalia mudanças no histórico de produção agrícola.

45

Artigo IAC: Uso de fertilizantes orgânicos é defendido por pesquisador.

48

Artigo FCStone: Analista traz dados sobre o prêmio na composição do preço do milho.

Sucessão na propriedade

“Valorizo muito o trabalho do meu pai. Não vendo isso aqui por nada”

“Fazer sucessores e não simplesmente herdeiros”. Um processo sucessório realizado com diálogo constante costuma trazer melhores resultados à propriedade e aos seus envolvidos”

No começo, o agricultor Antônio Ireno, 72 anos, trabalhava no campo dependendo prioritariamente de sua força. Os defensivos eram aplicados na lavoura com bomba costal e no preparo do solo, os animais eram o auxílio mais eficiente disponível. O trabalho ao lado do pai, seu José Ireno Filho, começou muito cedo. Aos oito anos já estava na roça e dividia o seu tempo diário com as tarefas da escola e da lida rural. “Quando minha irmã casou eu tive que deixar os estudos para cobrir a ausência dela. Mas nunca tive medo do trabalho e encarei isso com normalidade”, conta.

José Ireno foi quem comprou as terras na região de Cândido Mota, hoje localizada na Água do Almoço, a qual vem sendo mantida sob gestão da família há pelo menos três gerações. Antônio Ireno conta que o pai deixou 14 alqueires como herança e desde então vem trabalhando para aumentar essa extensão para repassá-la aos filhos. “Desde quando separamos a sociedade com os irmãos venho preparando tudo para deixar aos meus filhos. Os bens que adquiero os registro no nome dos meus filhos. Hoje as coisas já são mais deles do que minhas. O segredo do sucesso em uma gestão rural é sempre trabalhar muito e com fé em Deus”, avalia.

Antônio Ireno conta que “ganhou” a responsabilidade de trabalhar na lavoura muito cedo. “Quando já entendia o que meu pai pretendia, eu olhava aquilo com naturalidade. Via muitas pessoas que não conseguiam nada. Que pegavam heranças e acabavam com tudo. Acho que quanto a isso consegui cumprir o meu desafio de manter estas terras com a nossa família e ainda ampliar o que meu pai nos deixou”, afirma.

Seu filho mais velho, Aparecido Donizete Ireno, 52 anos, avalia com orgulho o esforço do pai no trabalho desempenhado na propriedade que hoje atua. “Meu pai trabalhou muito aqui e essa questão da sucessão familiar a gente faz com muito diálogo e trabalho. Tudo o que vamos fazer tem muita conversa”, diz. Ao ser questionado sobre o choque geracional, bastante comum nestas questões, afirma que nunca teve problemas significativos com o pai, já que ele sempre foi adepto às novas tecnologias e formas de inovação na propriedade.



Cândido Mota e Palmital ▲



O neto, Kauê, o avô, Antônio, e os filhos Wilson e Donizete.

Atualmente, a sociedade da propriedade segue entre o progenitor, Antônio Ireno, acompanhado dos filhos, Aparecido Donizete Ireno e Wilson Antônio Ireno, bem como do genro Valdeciro da Rocha Dantas, esposo da filha Sandra Valentina Ireno Dantas, que por sua vez é mãe de Kauê Antônio Ireno Dantas, de 25 anos, que já segue como o possível sucessor na gestão da fazenda. Assim que terminou os estudos do ensino médio, decidiu se dedicar exclusivamente à vida no campo e divide com o tio, Donizete e o avô, Antônio Ireno, as decisões de gestão da propriedade. Antônio Ireno comenta que esta sucessão vem sendo feita gradativamente.

Aos poucos cada um dos filhos vai assumindo alguma área da propriedade. Donizete lembra que passou a gerenciar seus negócios quando se casou. “Assumi uma área em meu nome mesmo quando me casei, mas meu pai sempre me levava em tudo o que ele fazia. Hoje a gente sabe que é preciso trabalhar sempre e andar com o pé no chão porque para ganhar é duro, mas é bem fácil para perder”, enfatiza. Acrescenta que valoriza muito o trabalho do seu pai que trabalhou muito para conquistar o que tem. “Se não fosse por ele não seríamos o que a gente é hoje. Não vendo isso aqui por nada, até mesmo porque não ganhei isso sozinho”, afirma. Suas duas filhas atualmente cursam medicina e é em Kauê que a família aposta para que a sucessão da propriedade se concretize entre seus próprios membros.

Embora a passagem da gestão venha sendo realizada de forma gradual, o neto Kauê já assumiu toda a responsabilidade da sociedade quando o assunto é tecnologia. “Nesse ponto é ele quem decide”, enfatiza. Toda a atividade da propriedade dos Irenos é gerida e operacionalizada pela família. “Sempre gostei de trabalhar com a agricultura. Por enquanto nem penso em voltar a estudar. A minha vida é isso aqui. É o que eu faço. É o que gosto de fazer”, destaca. O tio, Donizete, comenta que tinha o sonho de vê-lo formado como engenheiro agrônomo, mas compreende que as pessoas precisam fazer o que gostam. Kauê comenta que a agricultura está muito ligada ao momento certo de plantio e as tomadas de decisões corretas. Neste quesito destaca a importância da tecnologia para esta medida.

Donizete acrescenta que diante do alto custo da agricultura que, segundo ele, vem aumentando a cada dia, é necessário que todas as decisões sejam muito precisas. “É preciso fazer as coisas bem-feitas e com amor. Esta realidade que a gente vive hoje foi construída a partir de muito trabalho do meu pai. Eu tento seguir a forma de atuar dele”, avalia.

O filho mais velho conta que ele e seus irmãos sempre trabalharam ao lado do pai. “Quando a gente voltava da escola já tinha tarefa definida para gente na roça. Às vezes a gente chamava os colegas para terminarmos logo o serviço e então saímos para brincar. Naquela época meu pai trabalhava com mandioca e café”, lembra. Conta que o seu pai nunca foi um agricultor de delegar as funções na propriedade. “Meu pai sempre teve o jeito dele”, diz.

Kauê destaca que no seu caso as coisas foram mais fáceis. “Até terminar a escola eu não mexia com lavoura. Estudava e fazia meus afazeres. Mas depois do colegial eu comecei a trabalhar com eles para valer”, diz.



Alexandre Andrade acompanha de perto todos os processos de produção da Fazenda Santa Bárbara.

} "SE MEU FILHO FOR ASSUMIR A GESTÃO DESTA PROPRIEDADE NO FUTURO, DAREI TODO O RESPALDO A ELE"

"Ser agricultor está no sangue. Não se torna agricultor. Se nasce assim", afirma o agricultor Alexandre Andrade da Silva, produtor rural de Palmital, de 36 anos. Ele conta que desde muito pequeno esteve envolvido com o trabalho na lavoura. "Vou para roça desde quando aprendi a andar", brinca. "Sou apaixonado pela agricultura. Não consigo me ver em outra profissão, mas adoro desafios e não descarto nenhuma possibilidade que surja na minha vida", acrescenta.

A Fazenda Santa Bárbara, localizada na Água do

Pavão, também conhecida como região da "Espanholada", é gerenciada pela família de Alexandre há cinco gerações. Alexandre é filho de Antônio Leandro da Silva e Célia Aparecida de Andrade Silva. O início da gerência da propriedade por parte de Alexandre culminou quando chegou ao fim o contrato de arrendamento para a cultura da cana nas terras de sua mãe. Ao invés de renovar por outros 10 anos, convenceu o avô materno, José Sebastião de Andrade, a permitir que se envolvesse mais intensamente nas decisões da propriedade.

As terras eram de propriedade do seu avô materno, enquanto que as máquinas eram de seu pai e tios, que se mantinham como sócios do empreendimento.



O produtor tem a assistência técnica constante de agrônomos da Coopermota e das empresas responsáveis pelos materiais que utiliza.

O produtor conta que sempre busca atualizar seus maquinários. Trator comprado em 2015.



to rural. Alexandre já trabalhava ao lado de seus parentes e aprendia a “lida” desde muito jovem. A figura de seus dois avós, no entanto, foi muito importante no envolvimento do jovem agricultor para que ele se posicionasse à frente das decisões da fazenda, inclusive nas atividades bancárias. Neste caso, a iniciativa tinha ligação direta com o seu avô materno.

Embora o trabalho que desempenhava ao lado de seu avô paterno, Sebastião Leandro da Silva, fosse ligado à criação de gado de corte, com viagens de trabalho e cotidiano em pastos e piquetes, ao assumir o plantio da propriedade da sua mãe, foi este avô quem lhe doou as sementes e os adubos para o primeiro cultivo sob sua gestão.

Alexandre conta que teve algumas dificuldades no início desta atividade de gerência da fazenda, principalmente no que se refere ao sistema financeiro e bancário. “Aprendi isso com erros e acertos, não tive muita instrução nesta área”, afirma. Naquele período tinha 19 anos e cursava Agronomia, mas abandonou a faculdade para se voltar exclusivamente à gestão dos negócios da família. “Eu tomei a iniciativa. Tive uma certa dificuldade para trabalhar com banco, linhas de crédito. Foi um aprendizado diário para mexer com créditos, além das questões de cuidados com solo, clima e outros assuntos da gestão propriamente dita”, conta. Avalia que teve que se tornar maduro muito cedo e abrir mão de muita coisa, mas demons-



A família de Alexandre Andrade posa para a foto, ao lado do primeiro trator adquirido por eles.



A sucessão da gestão familiar nas propriedades é complexa. Sem uma preparação, a transferência de responsabilidade pode não ser rentável.

tra se sentir fortalecido com isso. “Delego, mas acompanho todos os processos da fazenda pessoalmente. Sou um administrador que leva um pouco o lado conservador do meu pai, de não dar o passo maior do que a perna, mas busco sempre a inovação e a inserção de tecnologias no meu negócio”, afirma.

Alexandre diz sempre buscar aliar a tecnologia à sua rotina para buscar melhores resultados no campo. “No meu gosto, alcancei 70% destas tecnologias para serem aplicadas na fazenda. Todo ano tem uma novidade e é muito difícil acompanhar. A gente tem um prazo curto para fazer trocas de maquinários e investimentos diante do custo destes equipamentos e o prazo que temos para quitá-los. Precisaria. Precisaria de no mínimo seis anos para novos investimentos. Os créditos disponíveis possuem taxas altas”, diz.

Depois de já atuar na gerência da propriedade da família, em 2008 voltou a estudar, desta vez em curso de Administração. “Foquei na gerência. Avaliei que precisava ampliar este conhecimento, faltava a questão da gestão. Depois da faculdade mudou muito a minha forma de ver a propriedade, desde as questões de estoque, cronograma de vendas e compras até o gerenciamento dos funcionários”, afirma.

A questão da sucessão na gerência da fazenda é avaliada por Alexandre como algo que vem ocorrendo com sucesso, pelo menos no meio onde está inserido. Avalia que pelo menos 80% dos amigos também assumiram a propriedade do pai. Comenta que Palmital é essencialmente agrícola e é composta por dezenas de agricultores jovens. “Por mais que a agricultura seja um negócio com uma situação instável, a adesão de jovens agricultores está voltando. Os agricultores de hoje são empresários do campo. Diante das informações, tecnologia, produtos, mate-

riais desenvolvidos, o campo se tornou uma empresa que trabalha com produtos de primeiro mundo. Este setor possui tecnologia que outros setores ainda não têm. Temos maquinários com piloto automático, em que o operador só acompanha o processo. Não é qualquer segmento que tem a tecnologia tão avançada”, diz.

Alexandre tem um filho com 13 anos. Segundo ele, Phelipe Deleo Andrade Silva vem afirmando que tem vontade de se tornar um engenheiro mecânico. “As tecnologias das máquinas o atraem muito. Não dá para saber ainda se o envolvimento no futuro será com as máquinas do setor agrícola, mas é fato que as altas tecnologias as altas tecnologia exercem fascínio sobre ele”, afirma. Contudo, enfatiza que se o filho for assumir os negócios da família pretende dar mais respaldo a ele. “Sofri por falta de conhecimento. Meu pai era muito conservador, embora sempre tive uma boa relação com ele. Em cinco anos, meu pai e meu avô passaram toda a responsabilidade da fazenda para mim. Eu gostava muito do desafio. Sempre tive vontade de resolver os problemas. Tinha uma visão de que meu pai já tinha trabalhado muito tempo na roça, então queria dar tranquilidade a ele”, diz.

O pai, Antônio Leandro da Silva, trabalhou na roça desde os sete anos, em um período que a agricultura era baseada na força braçal e trabalho pesado. “Ele trabalhava arando a terra com o burro aos oito anos e quando aquilo enroscava tinha que chamar o avô para arrumar porque ainda não tinha força suficiente para isso. Eu vivi uma experiência diferente da dele. Eu sou de um período em que as coisas são mais burocráticas”, compara. Já o filho, Phelipe, esteve sempre envolto às questões administrativas da fazenda. “Ele será o que tiver vontade de ser”, conclui.



“Muitos pais ou avós se deparam com o questionamento sobre como será cuidada a propriedade caso os progenitores se distanciem da gerência.”

} QUEM VAI SUCEDER? DÚVIDA AINDA PRESENTE ENTRE MUITOS

Embora haja muitos casos de sucesso na sucessão familiar, a decisão sobre a transferência de responsabilidade de gestão de uma propriedade rural nem sempre é fácil. As áreas conduzidas por famílias durante várias gerações costumam sofrer impactos desta complexa iniciativa que é a sucessão familiar. Muitas vezes esta transferência de gestão ocorre como uma herança, em que não há o preparo de um sucessor para tal medida. Contudo, há casos de sucesso neste processo, ainda que seus envolvidos passem por dificuldades inerentes à esta situação.

“Fazer sucessores e não simplesmente herdeiros”. Muitos pais ou avós se deparam com este questionamento mantendo a dúvida sobre como será cuidada a propriedade caso os progenitores se distanciem da gerência. Entretanto, um processo sucessório realizado com diálogo constante costuma trazer melhores resultados à propriedade e seus envolvidos. O ditado “Pai rico, filho nobre, neto pobre”, evidencia as dificuldades envolvidas no tema. Contudo, é recorrente a afirmação dos pais em se sentirem felizes quando percebem que seus filhos estão mais preparados do que ele para continuar na gestão da propriedade.

O assunto já foi abordado em muitos estudos de pesquisas acadêmicas, principalmente na região Sul do país e no estado do Mato Grosso. Entre os motivos recorrentes em diversas análises, a complexidade desta sucessão familiar estaria repleta de questões que envolvem conflitos de geração, na maioria das vezes centralizados na figura do pai que se porta como o chefe da família e costuma não delegar as

decisões sobre a propriedade e, neste mesmo sentido, na dificuldade dos pais em aceitar as inovações propostas pelos filhos, ou ainda na falta de autonomia financeira dos filhos, entre outros. Fatores sociais e culturais também estariam envolvidos neste tema.

Sem esta perspectiva de manter a gestão da propriedade sob o controle da própria família, muitas vezes ocorre a venda do lote para o vizinho, diante do não envolvimento dos filhos, após a morte do progenitor. Com esta realidade, as áreas em cultivo tendem a se tornarem cada vez maiores.

A posse de áreas em cultivo dificilmente é proveniente de profissionais de outros setores e permanecem como legados passados de pais para filhos. Na avaliação do consultor da Safras & Cifras, Cilotér Borges Iribarrem, o fato de considerar a posse da terra a partir da herança leva à divisão das áreas entre aqueles que são de direito, sem haver uma situação preparatória de sucessão. Ele avalia que com este fracionamento desregrado, o negócio passa a ser não lucrativo, levando muitos a não sobreviver desta iniciativa, o que suscitaria a venda para terceiros. ■

MEXILHÃO EM PISCICULTURAS CUSTO DE PRODUÇÃO AMPLIADO

O controle da infestação do mexilhão envolve gastos com mão-de-obra, energia e combustível, infraestrutura e equipamentos, além da depreciação dos tanques-rede.

Eles se fixam em tanques e estruturas, o que leva ao aumento, aumento o peso do tanque, ampliam o trabalho de limpeza e provocam lesões nos peixes, entre outros problemas. Os mexilhões são recorrentes em instalações de pisciculturas e interferem na produção dos peixes. Uma pesquisa desenvolvida pela agrônoma Daercy Maria Monteiro de Rezende Ayroza, vinculada ao Polo Regional Médio Paranapanema - Apta Regional, Instituto de Pesca da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, avaliou os impactos do mexilhão dourado nas pisciculturas instaladas na região do Vale Paranapanema. De acordo com a pesquisa, a presença do molusco em instalações de piscicultura aumenta os custos de produção da atividade em até 15%, variando conforme a infestação verificada.

O percentual de ampliação dos gastos devido a presença do mexilhão se deve à depreciação dos tanques e o custo para a manutenção e lavagem destas instalações devido a necessidade de aquisi-

ção de equipamentos destinados a estas medidas, aumento da mão-de-obra empregada, aumento de consumo de energia elétrica, redução da vida útil dos tanques, além da construção de estruturas que permitam a limpeza dos moluscos fora dos rios.

A pesquisa foi desenvolvida entre novembro de 2014 e outubro de 2016, com atenção aos impactos causados pelo mexilhão e as possibilidades de controle para a redução de danos que possam ser causados pelo molusco. Na região do Vale Paranapanema, o estudo realizou coletas no reservatório de Canoas II e Xavantes, no rio Paranapanema, tendo também atuações em Ilha Solteira.

Diante dos dados apresentados, Ayroza explica que os tanques-rede oferecem condições de fixação do mexilhão nas redes dos tanques submersos, além dos fatores externos que facilitam a difusão por parte da disseminação de larvas. Os moluscos possuem grande capacidade de multiplicação e resistência a situações de baixa disponibilidade de oxigênio e à

... (COT) unitário (R\$ m⁻³) de produção e índices de rentabilidade de oitos pisciculturas de tilápia, localizadas no médio Paranapanema-SP, dezembro de 2014.

Classificação	Propriedades	Tamanho	COE (R\$/kg)	COT (R\$/kg)	Preço venda médio (R\$/kg)	Lucro médio (R\$/kg)	Índice de lucratividade (%)
P	E2	300	3,742	4,399	5,639	1,048	18,582
	E3	381	3,258	3,537	4,300	0,763	17,743
	E5	894	3,674	4,016	4,230	0,214	5,059
	E6	602	3,742	4,024	4,200	0,176	4,188
	Média	544	3,604	3,994	4,592	0,550	11,393
M	E1	2,706	3,446	3,591	4,310	0,719	16,675
	E7	2,722	3,772	3,965	4,400	0,529	12,032
	E8	2,790	3,049	3,442	4,300	0,858	19,954
	Média	2,719	3,423	3,666	4,337	0,702	16,220
G	E4	4,782	3,776	3,924	4,300	0,376	8,737



Jesaias Ismael da Costa avaliou especificamente o impacto econômico do mexilhão ao setor.

poluição. A capacidade de reprodução dos moluscos foi comprovada na pesquisa, a partir da submersão de armadilhas com indivíduos com menos de 05 milímetros de comprimento de concha para a avaliação de seu crescimento. A constatação da análise é de que o aumento das conchas é menor no inverno devido às menores temperaturas. Contudo, fatores como velocidade de correntes fluviais e a influência das usinas na produção de larvas também devem ser considerados na avaliação de infestação do molusco.

Em parceria com Daercy Ayroza, Jesaias Ismael da Costa, avaliou especificamente o impacto econômico do mexilhão nas pisciculturas junto a oito

empreendimentos do setor, instalados em rios do Médio do Médio Paranapanema. O pesquisador enfatiza a importância de se buscar a redução dos gastos com o controle do mexilhão, tendo em vista que o custo de produção de uma maneira geral das pisciculturas estaria situado na segunda colocação do ranking de avaliação sobre os fatores que dificultam a expansão das pisciculturas no Brasil, segundo resultado do questionário on line respondido por produtores em site da empresa Aqua Imagem.

Conforme avalia, os empreendimentos de menor porte sofrem maior impacto no controle desse molusco em relação às grandes pisciculturas. Tal fato se deve ao valor despendido entre mão-de-obra, energia e combustível, infraestrutura e equipamentos e com a depreciação dos tanques-rede.



Daercy Maria Monteiro de Rezende Ayroza conduziu a pesquisa sobre o mexilhão entre 2014 e 2016.

A pesquisa avaliou pisciculturas em rios do Médio Parapanema e em Ilha Solteira.



)} O MEXILHÃO

O molusco foi encontrado em águas brasileiras na década de 90, tendo sido trazido em navios cargueiros vindos da Bacia do Prata. Sua disseminação foi bastante rápida e continua se alastrando nos rios do território nacional, impactando negativamente o meio aquático onde é encontrado em grande quantidade. A ausência de predadores e parasitas que controlem sua população faz com que se alastre pelas bacias hidrográficas brasileiras de forma bastante abrangente.



O aumento do custo de produção é considerável quando há a infestação do mexilhão nas pisciculturas.



Os mexilhões aumentam o peso das redes ao se fixarem em suas tramas.

FORÇA TAREFA

Diante dos impactos negativos do mexilhão nas pisciculturas, em 2003 o então Ministério do Meio Ambiente implantou uma força-tarefa para um plano de ação voltado a redução de alastramento do mexilhão nas águas brasileiras. A iniciativa envolveu várias instituições e sua atuação foi voltada à proteção das bacias dos rios Amazonas e Tocantins, em São Fran-

cisco, os quais ainda não possuem grande abrangência da interferência deste molusco. Uma campanha com o tema “Não dê carona a esse bicho”, buscou conscientizar os produtores sobre os cuidados que são necessários serem adotados para evitar a disseminação do mexilhão. ■



Piscicultores precisam investir em estruturas específicas para a limpeza dos tanques-rede.

IRRIGAÇÃO POR PIVÔ CENTRAL "CHEGUEI A OBTER UMA DIFERENÇA DE 200 SACOS POR ALQUEIRE"

É um investimento que compensa muito. Eu recomendo. Para quem tem acesso a água vale muito a pena, afirma produtor.

Todo produtor rural sonha em realizar o cultivo de suas safras em meio a um equilíbrio climático em que haja chuvas e sol com regularidade. Porém, nem sempre esta condição ideal é alcançada. Em tempos de pouca chuva é comum os agricultores dedicarem parte de seu tempo olhando para os céus e para as previsões meteorológicas à espera da chuva que venha garantir a sua produção sem perdas de produtividade, para além das intervenções que possa fazer como complemento à necessidade das precipitações pluviométricas. Algumas regiões, porém, costumam registrar situações de adversidades com mais frequência em relação a outras. Assim era o caso do produtor Irwin Neumann, na região de São José das Laranjeiras, Fazenda Água Branca e Sítio Boa Esperança. Ele conta que na área onde realiza o cultivo de grãos é comum haver tempos de estiagem. Sua propriedade está localizada em uma área de terra roxa, conhecida pelos produtores como "sangue tatu", a

qual, segundo ele, seca mais do que o normal.

Na década de 2000 Neumann já ouvia relatos de produtores que vinham obtendo sucesso na implantação de irrigação em suas áreas e se interessou pela iniciativa. Encontrou na irrigação de parte de sua propriedade a saída para a melhoria de produtividade frente às adversidades vivenciadas, mesmo em períodos de menos chuva. Em 2002 implantou o primeiro pivô central, movido a diesel, com capacidade de 270 metros cúbicos por hora. O equipamento proporcionava 15 milímetros de umidade em 48 horas de irrigação.

A certeza de que havia feito um bom negócio, segundo Neumann, veio em 2007, quando houve um período de estiagem mais longo e na safra de milho obteve 200 sacos por alqueire a mais em relação a um local sem irrigação. Ele afirma que não tem dúvidas de que a irrigação é um bom negócio, contudo, enfatiza a importância de haver chuvas com regularidades para que este seja um complemento na umidade do solo



O produtor adquiriu o primeiro pivô em 2002.

“Hoje já conheço bem e sei como lidar com a irrigação, mas foi tudo muito na tentativa e erro. Plantei diversas culturas como o arroz, o feijão e o tomate. Experimentei com estas culturas um ano muito bom, mas não consegui obter os mesmos resultados no ano seguinte. Já com o milho as vantagens são visíveis”, afirma.

Depois de alguns anos com o primeiro equipamento, Neumann adquiriu outro conjunto de pivô central, este menor que o primeiro, tendo capacidade

de irrigar 13 alqueires. Com o anterior, que alcançava 30 alqueires, totalizou 43 alqueires irrigados.

As vantagens que vinha obtendo com os equipamentos levou o produtor de São José das Laranjeiras a investir em outros conjuntos menores para uma área de 18 alqueires. Foram adquiridas seis bases e três painéis, elétricos, totalmente autônomos, contudo, o controle ainda não é por controle remoto porque, segundo o produtor, ainda é um equipamento caro para a sua realidade. “É um investimento que



Edwin Neumann e o pai, Irwin Neumann, em uma de suas propriedades irrigadas.

Irwin Neumann recomenda a adoção da irrigação diante do retorno econômico obtido.



compensa muito. Eu recomendo. Para quem tem acesso a água vale muito a pena. A obtenção da outorga pelo uso da água também não é tão difícil”, diz.

O agricultor acrescenta que a irrigação proporciona uma umidade ao solo que lhe traz segurança, diminuindo os riscos naturais de uma produção agrícola. Neumann comenta que além dos benefícios de manter o equilíbrio hídrico da terra, a irrigação proporciona um aumento da matéria orgânica mantida no solo, oferecendo residuais que serão importantes para a cultura seguinte. Diante dos benefícios que lista frente à iniciativa, afirma que tem planos de ampliar a área irrigada.

Os sucessos obtidos pelo agricultor levaram o filho, Edwin Neumann, a também implantar na área em que arrenda para o plantio de grãos, um sistema semelhante de irrigação. Neste caso, porém, o modelo adotado foi o rebocável, até mesmo porque a área não é de sua propriedade, entre outros fatores. Edwin possui um equipamento de 95 cavalos, sendo 20 deles submersos na represa de onde retira a água. Os dois trabalham juntos e dividem os conhecimentos que adquiriram no setor.

No sistema rebocável, o maior controle de vazão é destacado como importante pelo produtor. Com o equipamento que possui, Edwin consegue fracionar as vazões da água, impedindo que haja duplicidade de irrigação por onde os tubos já tenham passado devido ao deslocamento entre uma área e outra.

A definição de qual padrão do equipamento a ser instalado na propriedade precisa levar em consideração as necessidades e especificidades da propriedade. Edwin afirma que com o pivô rebocável, de menor porte, o produtor tem a opção de fazer irrigações de faixas lineares, além das tradicionais disposições circulares. É indicado para áreas menores. Já a irrigação com pivô central fixo adapta-se melhor em áreas maiores.

Além de equilibrar a umidade do solo em caso de estiagem, a irrigação também proporciona a manutenção da disponibilidade hídrica do solo no momento certo do desenvolvimento da cultura, surtindo efeitos de maior produtividade mesmo em períodos de chuva mais regular. Além disso, possibilita o plantio de até três culturas em um ano, como é o caso de produtores da região de Santa Cruz do Rio Pardo que conseguem intercalar na entressafra da soja, as culturas do feijão e do trigo.



O controle do sistema é informatizado porém ainda não é remoto.

IRRIGAÇÃO NO BRASIL

O levantamento da agricultura irrigada por pivôs centrais no cenário nacional brasileiro, realizado em 2014 pela Embrapa, cita que dados da FAO (2012) situa o Brasil na nona posição de maior área irrigada no mundo, contudo, a abrangência ainda é considerada pequena frente a amplitude territorial do país e a sua disponibilidade hídrica. No entanto, o mesmo estudo destaca um crescimento gradativo da adoção deste sistema nas lavouras do Brasil, principalmente em culturas como o milho, a cana-de-açúcar e a soja. Dados do IBGE registram um crescimento em torno

de 7% ao ano na média anual desde a década de 1960, no que se refere a quantidade de áreas irrigadas no Brasil.

Ainda segundo o levantamento da Embrapa, o crescimento registrado pelo IBGE é ratificado pelos números de expansão do setor disponibilizados pela Câmara Setorial de Equipamentos de Irrigação, da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos – CSEI/Abimaq. Conforme a instituição, até 2014 a abrangência do setor chegava a 2,27 milhões de hectares. ■



Irwin Neumann possui 43 alqueires irrigados com o sistema de pivô central.

Onde tem Coopermota tem irrigação!

Pivô Central



Carretel Irrigador



**Agora os cooperados contam com os
Sistemas de Irrigação Irrigabras.**



FEIJÃO DE SEQUEIRO PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM BOAS PERSPECTIVAS

A prevenção é um dos segredos. No feijão tudo é muito rápido, seja o seu desenvolvimento, como também a resposta dele às ações que fazemos”, comenta o agricultor.

A cultura do feijão é considerada de alto risco devido às suas suscetibilidades às condições climáticas. Para os produtores oriundos de períodos mais antigos, este risco é maior ainda. Diante desta percepção sobre a cultura do feijão, a atual Fazenda Manahim permaneceu por vários anos distante desta opção de cultivo para as safras de inverno. “Eu sempre quis plantar, mas meu pai sempre achou que não seria viável. Ele sempre disse que o feijão era cultura de muito risco. Depois de muito insistir, neste ano realizei a semeadura”, conta Fábio Daparé, produtor de Manduri, proximidades das Unidades de Negócios da Coopermota de Piraju e de Santa Cruz do Rio Pardo.

Nesta safra, Daparé dividiu a propriedade com quase 20% de sua área total com feijão, sendo o restante

ocupado por aveia e milho. “Até o momento estou feliz com o visual que o feijão está apresentando, mas o meu pai ainda prefere esperar pela colheita para se convencer que foi uma boa ideia”, comenta em tom de descontração devido à recusa insistente do pai.

Auxiliado pelo agrônomo da Coopermota, José Carlos Pires Prado, o produtor realizou o cultivo da variedade Campos Gerais, espécie Carioca. Com o bom desenvolvimento que vem obtendo, Fábio já está sendo sondado por produtores das proximidades para que ele venda a produção para a semente. Caso obtenha a certificação da Cati para a comercialização do feijão destinado a semente, o valor agregado pode ser ainda melhor. A expectativa de Daparé é que a venda da semente resulte em uma comercialização com valor superior a 20% sobre o preço do grão.

Prado explica que não há muitas opções de sementes disponíveis no mercado, tendo sido em 2011 a data de lançamento da última variedade, pelo Instituto Agronômico do Paraná (Iapar). “Ainda é comum a adoção de sementes oriundas de propriedades porque não temos muitos fornecedores. No Brasil há poucas sementeiras. Os detentores do germoplasma das sementes que estão no mercado são a Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) e o Iapar”, comenta Prado.

Além das especificidades de menores investimentos em tecnologias para o desenvolvimento de sementes, a comercialização recebe influências do mercado informal. Um dos fatores que determinam esta realidade é ligada ao período de armazenamento do grão, que perde valor comercial se estocado por mais de dois meses.

O agrônomo comenta que a realidade do feijão é bastante distinta da soja, tanto no que se refere ao mercado de sementes e grãos, quanto à sua fragilidade. “O feijão tem um sistema radicular bem mais fraco do que a soja”, diz. Já no que se refere ao manejo, destaca que a quantidade de aplicações de fungicidas no feijão é superior ao adotado para a soja. “Se na soja a gente faz três aplicações de fungicidas, no feijão são cinco. Mais ou menos uma aplicação a cada 15 dias, diante do ciclo total de 90 dias”, afirma.

De acordo com indicações do Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, o feijão possui três períodos de cultivo, sendo mais comum no estado na safra de inverno, com plantio entre fevereiro e abril. Daparé, contudo, realizou a semeadura da cultura na segunda quinzena de março. “O feijão tem a vantagem de poder ser cultivado em meados de março, quando o período de cobertura do seguro para o milho já foi finalizado”, diz.

Até o momento, a expectativa é de que seja alcançada grande produtividade no feijão.

} MANEJO

Se na soja a recomendação é de ações preventivas, no feijão esta medida deve ser ainda mais intensificada. “A prevenção é um dos segredos. No feijão tudo é muito rápido, seja o seu desenvolvimento, como também a resposta dele às ações que fazemos”, comenta o agricultor. Diante disso, afirma que a cultura exige uma precisão no momento de realizar as aplicações para que não haja a entrada de doenças ou pragas que tragam prejuízos à cultura.

Entre as doenças que atacam o feijão está a antracnose, a mancha angular e a mosca branca, que permite a entrada do mosaico dourado. Em casos de muita chuva, a *Fusarium* também acomete a planta causando podridão da raiz.



Fabio Daparé fez o plantio de feijão no sequeiro em sua propriedade pela primeira vez nesta safra.



Daparé recebe apoio e instruções do agrônomo da Coopermota, José Carlos Pires Prado.

} DADOS TÉCNICOS

Na área de abrangência da Coopermota, as unidades de Santa Cruz do Rio Pardo e Piraju reúnem o maior número de produtores desta cultura. De acordo com dados do IEA, os municípios com maior produtividade no estado de São Paulo, são Ilha Solteira, Andradina, Pereira Barreto, Murutinga do Sul e Guaraçai.

A variedade Campos Gerais, cultivada por Fábio Daparé, é adaptada para São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, devido às características de chuva e temperatura destas localidades, com ciclo total de 88 dias. Segundo dados do Iapar, a cultura do feijão alcança seu potencial produtivo se submetido a temperaturas entre 18 a 30°C e entre

300 e 500 milímetros de chuva em todo o seu ciclo de desenvolvimento. Possui capacidade de produção de até 1,6 toneladas por alqueire. Por seu porte ereto, a variedade permite a colheita mecanizada. O Instituto assegura que a variedade é moderadamente tolerante à seca, com capacidade de desenvolvimento em solos ácidos e com pouco fósforo.

No que se refere a doenças, a variedade possui característica de ser resistente à ferrugem, ao oídio e o vírus do mosaico comum, tendo ainda resistência moderada à antracnose, murcha de fusário e ao crescimento bacteriano comum e murcha de *Curtobacterium*. É suscetível à mancha angular. ■



Com medidas preventivas constantes, o feijão cultivado por Fábio promete boa produtividade.



MANDIOCA "EU A CHAMO DE 13 QUILOS"

O produtor de Frutal do Campo percebeu a existência de uma planta diferente das demais em sua lavoura e logo notou que se tratava de uma nova variedade. Talvez uma mutação ou um cruzamento espontâneo.

Era mais um fim de tarde no Sítio Santo Antônio, região de Frutal do Campo, por volta do ano de 2009. A data não é precisa mas permanece na memória do produtor como sendo o dia em que fez uma importante descoberta em sua propriedade. No carreador da plantação de mandioca, Antônio José Facina fazia a sua caminhada de observação diária para avaliar como se desenvolvia a cultura. Naquela ocasião, percebeu uma planta mais alta e com características diferentes das demais, entre as variedades que estavam cultivadas. Na sua avaliação não podia ser nenhum exemplar da "Fécula Branca", a qual cultivava. Logo notou que se tratava de uma nova variedade que ele verificada em suas áreas. Talvez uma mutação mutação ou cruzamento espontâneo.

Facina chegou a roçar a planta, mas ela brotou novamente cerca de 20 meses mais tarde. Em pouco tempo já tinha cinco pés em meio à plantação. O produtor avaliava que a variedade deveria ter uma

produção expressiva por verificava que a raiz se desenvolvia próxima a superfície do solo, formando trincos por onde se estendia. Acima de tudo, pareciam ser raízes enormes. Aquela mandioca se desenvolveu até o momento da colheita e, para a sua surpresa, a produção da raiz impressionava. Enquanto as variedades cultivadas produziam cerca de quatro quilos de mandioca por pé, aquela desconhecida chegava a produzir aproximadamente 13 quilos em uma única rama.

Depois do sucesso obtido com aquele único exemplar de mandioca, ele resolveu retirar manivas para o plantio e preservação da variedade. Facina reservou um espacinho entre as demais e hoje já possui cerca de meio alqueire com esta espécie. "Plantei o equivalente a um campinho de futebol suíço e tirei muita mandioca de lá. Não sei que variedade é. Eu a apelidei de 13 Quilos e é assim que estou a chamando", comenta o produtor fazendo referência ao peso da produção que obteve naquelas ramas. "Diante



José Facina conta entusiasmado que esta variedade tem uma produção bastante elevada.

desta novidade logo comentei com o agrônomo da Coopermota, que começou a acompanhar o desenvolvimento daquela variedade. Não sabemos se é uma nova espécie, mas ela vem chamando a nossa atenção. O Gamarra disse que vai levar ao IAC para ver se eles a conhecem”, afirma.

Conforme Facina, a plantação de mandioca vai alcançar o auge de seu desenvolvimento quando completar dois verões, o que ele afirma ocorrer em janeiro de 2018. Será neste momento que fará a colheita da produção total da “13 quilos”. O produtor afirma gostar muito de cultivar mandioca, avaliando a cultura mais resistente às intempéries climáticas quando comparada com a soja e o milho, por exemplo. “O segredo da mandioca é manter ela no limpo. Ela resiste muito mais à estiagem”, diz,

Com 78 anos, José Facina ainda demonstra vitali-

dade e muita satisfação em percorrer suas lavouras e contar suas experiências. “Dá prazer em ver como ela se desenvolve. Para mim é como se fosse um desafio cultivar esta variedade de mandioca e ter sucesso com ela. Passo o dia no meio da mandioca”, comenta mantendo sempre o sorriso no rosto. Desde muito novo sempre trabalhou com lavouras na região de Frutal do Campo, realizando “intercâmbios” com os italianos de Pedrinhas Paulista, nos primeiros anos em que chegaram na região. “Também sou italiano e acabávamos nos entendendo. Minha esposa fala bem o italiano e quando fazíamos amizade com eles ficávamos horas conversando”, conta entusiasmado.

Nesta vivência de anos atuando na agricultura, comenta que sempre trabalhou no cultivo de várias culturas, inclusive de mandioca. “Trabalho na roça



Uma planta chega a render um total de 13 quilos de mandioca.



As raízes são grossas e extensas. O exemplar da foto mediu mais de 1,60 metros de comprimento.

desde quando a gente o burro no eito”, comenta. Facina enfatiza que chegou a cultivar 25 alqueires somente com mandioca, porém hoje mantém a cultura em meio à soja, milho e outros”, diz.

Paulo Cesar Antunes, agrônomo da Coopermota, comenta que atualmente a mandioca representa uma parcela bastante pequena das áreas cultivadas na região. As dificuldades com mão-de-obra e implicações trabalhistas são citadas por ele como empecilhos que vêm contribuindo para a redução

de áreas. Da mesma forma, o produtor lamenta os entraves que afirma enfrentar com os trabalhadores que são necessários para o plantio e colheita da mandioca. “A lei trabalhista está prejudicando a mandioca. A gente precisa de diaristas apenas e a obrigatoriedade de registro inviabiliza a cultura”, alega. Ele afirma que para a mandioca ter alguma sobrevida, as indústrias terão que ajudar os produtores com os registros do pessoal que trabalha nas lavouras.



José Facina mostra as flores provenientes da mandioca que ele apelidou de “13 quilos”.

} AVALIAÇÃO DA APTA

Consultado pela reportagem da O Campo, o pesquisador do Polo Médio Paranapanema da Agência Paulista de Tecnologia do Agronegócio, Sérgio Doná, e o técnico de apoio agropecuário da mesma instituição, José Valmido Cruz, se deslocaram até a propriedade de Antônio José Facina para avaliar o material em cultivo. Doná explica que a mandioca é uma planta que realiza os seus cruzamentos por meio de sua florada, desta forma é possível que tenha havido o cruzamento espontâneo da variedade cultivada por Facina com variedades cultivadas nos arredores.

Ao visitar o local, Cruz comenta que atua na Apta há algumas décadas e neste tempo de atuação não teve contato com uma variedade que tenha as características da mandioca que está cultivada por Facina.

Segundo ele, a variedade se assemelha muito com a Fécula Branca, porém possui algumas especificidades que indicam ter havido mesmo um cruzamento.

O material foi coletado pelo pesquisador e o técnico da Apta para um cultivo nas áreas de pesquisa da Apta. Facina foi convidado a ceder exemplares para uma análise comparativa com demais variedades a partir do momento em que as ramas estejam prontas para o plantio.

Além disso, a Coopermota entrou em contato com a Embrapa para que seja realizada a análise do DNA da planta e só assim possa ser afirmado com segurança quais foram as variedades cruzadas. A instituição de pesquisa se mostrou disponível para a análise, o que deve ocorrer nos próximos meses. ■



José Walmido Cruz, Paulo Cezar Antunes, José Facina, Sérgio Doná e Marcelo Facina inspecionam a variedade.



ENCONTRO TÉCNICO SOBRE MANDIOCA ATRAI CENTENAS DE PRODUTORES E TÉCNICOS

A Coopermota e a Associação dos Produtores de Mandioca do Estado de São Paulo (Apmesp) realizaram o Encontro Técnico da Mandioca no Centro de Eventos da Coopermota no mês de maio. O evento contou com a presença de pesquisadores renomados no setor, produtores e técnicos, superando as expectativas, com a participação de centenas de pessoas.

A palestra com o pesquisador aposentado do IAC, Dr. José Osmar Lorenzi, foi a principal atração entre os produtores, que realizaram inúmeras perguntas sobre o manejo da mandioca. Com o que chamou de "produtividade" em relação ao tema de sua palestra, a qual colocava como meta a produção de 90 toneladas de mandioca por hectare, Lorenzi trouxe detalhes sobre as maneiras mais eficientes de manejo desta cultura de forma a obter os melhores resultados de produtividade. Além de Lorenzi, o evento também contou com palestras do pesquisador Valdemir Peressin e representantes das empresas TimacAgro, PlantCenter e Miac.

 Coopermota





ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES NEGOCIAÇÕES PARA A SEDE DA APROSOJA EM ASSIS

“Assis é um dos principais municípios desta região produtora de grãos de maneira expressiva e será o nosso ponto de partida para o projeto da Aprosoja São Paulo”

Quando um reivindica de forma solitária não tem efeito nenhum sobre as instâncias governamentais, tampouco é ouvido pelas entidades legislativas e executivas. Contudo, a partir do momento em que este se une a outras pessoas que reivindicam pelas mesmas demandas esta necessidade passa a ser ouvida, pois tem poder de barganha em diferentes situações. Com a convicção sobre a veracidade destas afirmações, os agricultores do estado de São Paulo estão se unindo para a organização de uma associação de produtores rurais em âmbito estadual, vinculada à entidade nacional, a Aprosoja Brasil. A organização ganhou força na região de abrangência da Coopermota no mês de maio, quando foi realizado o primeiro evento propositivo de criação da Aprosoja/SP, em Assis.

De acordo com o presidente da Aprosoja Brasil, Marcos da Rosa, o objetivo é fomentar a organização dos agricultores para que eles possam atuar em defesa dos interesses do setor no estado de São Paulo. Assis

vem sendo cogitada para ser a sede regional desta entidade, com o apoio de sindicatos rurais, cooperativas e os próprios produtores. “Assis é um dos principais municípios desta região e é produtora de grãos de maneira expressiva. Ela será o nosso ponto de partida para o projeto da Aprosoja São Paulo. Diante de sua representatividade é aqui que são tomadas importantes decisões, além da cidade estar localizada no eixo de acesso aos portos onde fazemos a exportação dos grãos vindos do Mato Grosso ou Paraná”, comentou durante evento de lançamento do projeto, realizado no Teatro Municipal de Assis.

Rosa destaca a influência da Aprosoja, não só no Brasil, como também em mercados internacionais como os situados na China e Índia, por exemplo. Entre as atuais demandas da associação está a intermediação nas negociações quanto à obtenção de financiamentos rurais junto aos bancos e seguros de produção, dada as características de suscetibilidade da soja em relação às adversidades climáticas.



O prefeito de Assis, José Fernandes, tem intermediado a criação do escritório regional da Aprosoja.

A Aprosoja é uma entidade nacional situada em 12 estados, porém ainda não se estabeleceu em São Paulo mesmo sendo este um dos maiores estados produtores de soja. O prefeito de Assis, José Fernandes, destaca que vem trabalhando pessoalmente para viabilizar a criação da sede regional em Assis. “A gente já conhece o trabalho da Aprosoja em outros estados e a nossa intenção é trazer este modelo para a nossa região. Trata-se de uma associação forte, capaz de fazer as cobranças que o setor precisa junto às instâncias governamentais”, destaca.

Os trâmites burocráticos para a formação da entidade ainda estão em curso. Entre os profissionais indicados no evento para compor a equipe que formaria a comissão inicial da Aprosoja em Assis estariam Gustavo Ribeiro Rocha Chavaglia, de Ituverava, indicado para assumir o cargo de presidente, além de Francisco Antunes, João Crepaldi, Manoel Fernandes e José Fernandes, como diretores. Representantes da Coopermota e de outras entidades do estado também indicarão alguns nomes para compor a chapa. ■



O evento de início à criação da Aprosoja foi realizado no Teatro Municipal de Assis e contou com a participação de produtores de várias regiões.



▲ Campos Novos Paulista
Palmital
Bernardino de Campos

SEGUNDA SAFRA

MATERIAIS CULTIVADOS E TESTADOS NA REALIDADE LOCAL

Os eventos denominados CampoCooper inverno trazem uma série de híbridos e químicos destinados à cultura do milho de segunda safra. Campos Novos Paulista, Palmital e Bernardino de Campos foram sede desta etapa de demonstrações

Altas produtividades, ciclos superprecoces ou precoces, fertilizantes, fungicidas e estimulantes, além de uma série de produtos dispostos em um pequeno campo demonstrativo. Campos Novos Paulista, Palmital e Bernardino de Campos foram escolhidos neste ano para a realização dos eventos tradicionais de demonstração de cultivares e insumos destinados às culturas de inverno, principalmente do milho, de-

nominadas de CampoCooper. Nas três localidades, cerca de 20 empresas fizeram o cultivo e o acompanhamento do desenvolvimento dos materiais na realidade de diferentes tipos de solos. A iniciativa é uma oportunidade aos produtores, que terão uma série de empresas reunidas em um só espaço, para a demonstração dos produtos que estão no mercado e desenvolvidos a partir das novas tecnologias disponíveis ao setor.

A primeira das cidades a receber o evento na versão de inverno foi Campos Novos Paulista, onde o CampoCooper foi realizado pela primeira vez. Naquela região, os materiais cultivados demonstravam os seus potenciais produtivos em solos mistos. Cerca de 250 pessoas passaram pelos plots, os quais foram percorridos por grupos monitorados pela equipe técnica da Coopermota.


Na sequência, Palmital recebeu centenas de agricultores em mais uma edição do evento que já ocorre no local há quase 10 anos em diferentes formatações de realização. Bernardino de Campos, por sua vez, recebeu os produtores pela segunda vez, depois de entrar no roteiro de ações do CampoCooper pela primeira vez, em fevereiro deste ano.

O presidente da Coopermota, Edson Valmir Fadel (Branco), comemora mais um ano de realização do evento, “Neste evento a gente propõe trazer novidades para a cultura do milho, de forma que os agricultores possam ter segurança no momento de aplicação destes materiais e produtos em sua propriedade. É uma oportunidade para o produtor ver in loco os novos materiais e produtos do mercado para que tenha sucesso na sua cultura. Para Coopermota é sempre bom estar próximo da comunidade onde atua. A gente espera que o CampoCooper seja proveitoso para os produtores e que isso possa fazer a diferença na sua atividade”, afirma.

Da mesma forma, o superintendente comercial da Coopermota, Sandro Amadeu, enfatiza que a proposta do CampoCooper é cumprir com um dos objetivos da cooperativa que é proporcionar a difusão de conhecimento e tecnologia ao agricultor. “Este seria um dos pontos importantes a ser contemplado aos cooperados, que é a apresentação daquilo que existe de mais moderno na agricultura. O agronegócio se torna mais importante ano a ano, graças à produtividade que o agricultor consegue levar à sua lavoura. Queremos que este tipo de evento, hoje padronizado na Coopermota como CampoCooper, possa levar aos nossos cooperados toda a tecnologia em vigor para aquela cultura no momento em que é realizado. Fazemos isso por meio da nossa equipe técnica e o conjunto de empresas que nos ajudam”, diz.

No CampoCooper são apresentados os produtos e híbridos que a Coopermota trabalha para a obtenção de diferentes resultados. Em geral, os campos demonstrativos são conduzidos com adubação e híbridos específicos da realidade de cada local, nos mesmos moldes em que os produtores costumam adotar na segunda safra.

O produtor Rafael Palharini, de Campos Novos Paulista, destaca que a tecnologia é importante para agricultura e avalia positivamente a realização de eventos de maior porte como o CampoCooper. “Os agricultores estão sempre buscando o aumento da produtividade de sua lavoura. Já participei de vários eventos da Coopermota, de palestras e formações. Em cada um deles a gente aprende coisa nova. A agricultura é dinâmica e está mudando a cada dia. Para nos atualizar a gente necessita buscar informações e deste benefício estamos bem servidos em eventos como esse”, conclui ■



Os três CampoCoopers realizados em junho analisaram o comportamento dos híbridos e produtos frente a diferentes solos e climas de algumas regiões de abrangência da Coopermota.





GENÉTICA SUPERIOR E PRECOCIDADE



Tolerante ao
Glifosato

Sempre siga as regulamentações de importação e exportação, práticas de manejo e as instruções do rótulo de pesticidas. Variedades que são tolerantes ao glifosato (incluindo os designados pelas letras "R" e "Y" no número de produto) contêm genes que conferem tolerância a herbicidas a base de glifosato. Herbicidas a base de glifosato controlam culturas que não são tolerantes ao glifosato. As marcas com ®, ™ ou SM são marcas e marcas de serviço da DuPont, Pioneer ou de seus respectivos titulares. © 2017 PHIL

www.pioneersementes.com.br

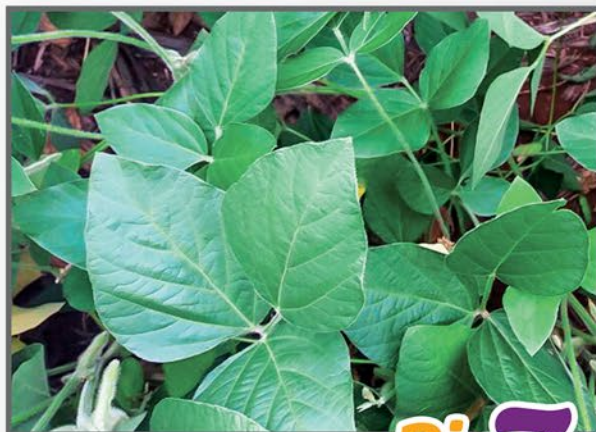
BioZeb

Protection



Sem BioZeb

As manchas brancas de Oídio permanecem após a aplicação dos fungicidas SEM BioZeb, as manchas brancas se desenvolvem nas plantas diminuindo o potencial produtivo.



BioZeb
Protection

A aplicação de fungicida COM BioZeb além de eliminar o Oídio também ajuda na respiração e fotossíntese da planta.

BioZeb possui Cobre Bioativo tendo maior liberação de íons de Cobre, maior proteção e também alta compatibilidade nas misturas com maior lucratividade.



FertyBio
Fertilizantes

Fone: 43 3158.0015
contato@fertybio.com.br
www.fertybio.com.br

Desenvolvendo
NOVAS TECNOLOGIAS
em fertilização

▲ Várias unidades



TRADIÇÃO CAIPIRA COMEMORAR E PROMOVER INTEGRAÇÃO JUNTO À COMUNIDADE

Nas 10 primeiras festas já realizadas em junho, mais de 4,5 mil pessoas passaram pelos recintos em uma totalização do público de uma maneira geral.

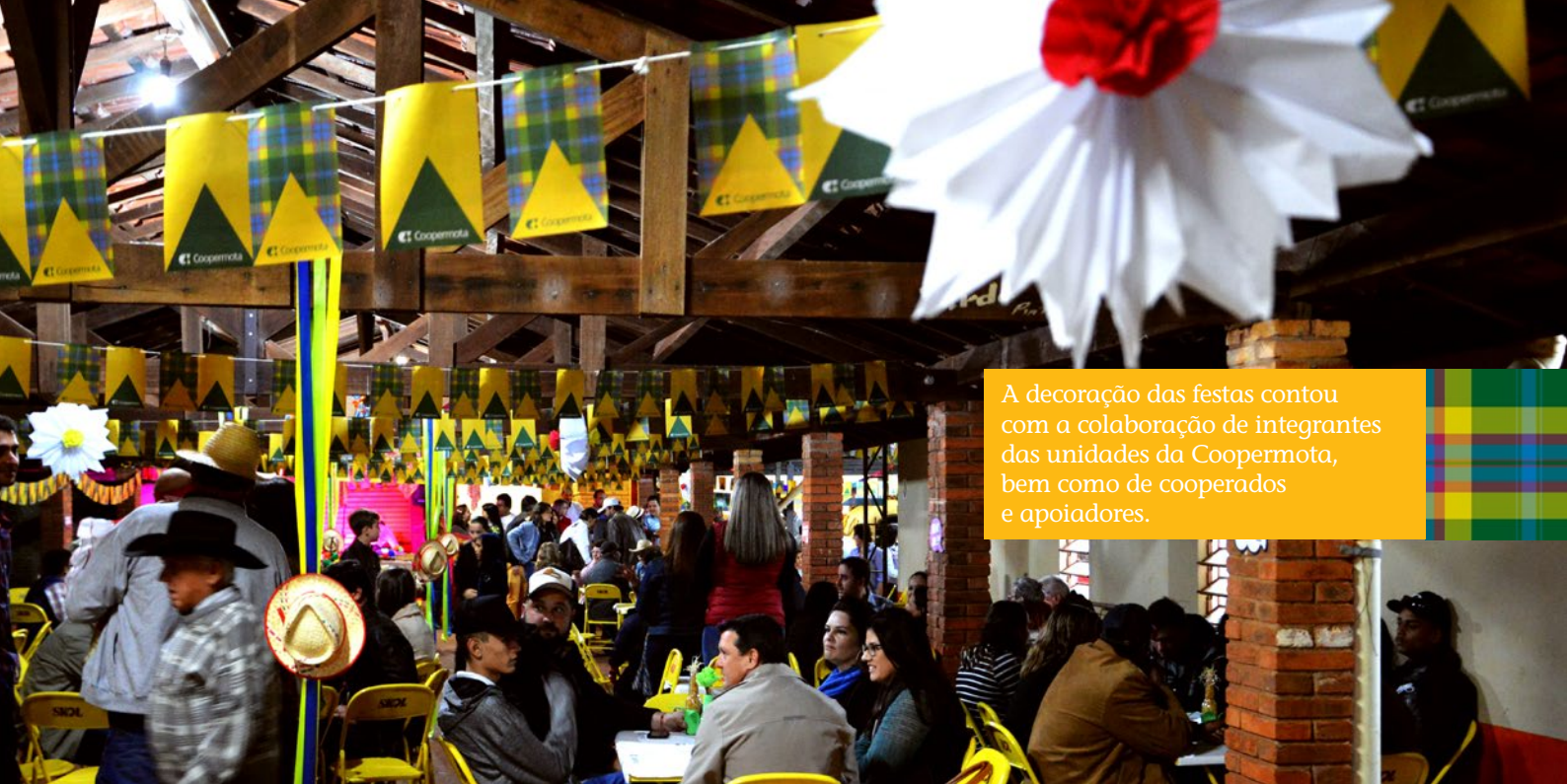
As fogueiras presentes nos festejos realizados no solstício de verão durante a Idade Média simbolizavam a proteção contra os maus espíritos que poderiam atrapalhar as plantações. Tal celebração acabou sendo incorporada ao meio religioso pela tradição portuguesa, a qual foi trazida para o Brasil a partir da colonização. Nos tempos atuais, muitos daqueles que participam e organizam as festas juninas não sabem, mas originalmente as fogueiras recebiam formatos distintos para homenagear cada um dos três santos juninos. Para Santo Antônio a fogueira era quadrada, enquanto que para São João o formato adotado era o redondo. São Pedro, por sua vez, recebia a homenagem com a fogueira triangular.

Este símbolo das festas juninas também está relacionado ao nascimento de São João Batista, quando Isabel acendeu uma fogueira para avisar Maria sobre a chegada do seu bebê, conforme consta na tradição Católica. Atualmente, no entanto, as tradicionais fo-

gueiras são propícias para aquecer os participantes da festança diante das noites frias de junho. Embora não haja mais o apelo religioso então dedicado às fogueiras, elas não podem faltar nas festas juninas espalhadas por diferentes partes do país, inclusive nas festas realizadas neste período pela Coopermota.

No cardápio ... bolos variados, milho cozido, pão com carne moída, pão com salsicha, leite com chocolate, vinho quente, quentão, a famosa feijoadinha de milho e uma infinidade de comidas e bebidas. Este mês de junho foi repleto de comemorações juninas em diferentes unidades da Coopermota, incluindo Assis, Palmital, Tupã, Maracaí, Ibirarema, Campos Novos, Ipaussu (reunindo as unidades de Ipaussu, Santa Cruz do Rio Pardo e Piraju), Cândido Mota, Ribeirão do Sul e Iepê. As festas ainda vão se estender no mês de julho, com atividades em Teodoro Sampaio e Paraguaçu Paulista.

Conforme destacam os organizadores destas iniciativas, em todos os casos as festas têm proporcionado a



A decoração das festas contou com a colaboração de integrantes das unidades da Coopermota, bem como de cooperados e apoiadores.

integração entre cooperados, colaboradores e a comunidade em geral. Seja em bairros rurais, na própria unidade, ou em locais específicos situados nas cidades, em todos os momentos a celebração aos santos juninos receberam a decoração típica caipira para fazer menção à data comemorativa aos três santos cultuados neste período: São Antônio, São João e São Pedro, respectivamente.

Além de proporcionar momentos de descontração às comunidades de atuação da Coopermota, os eventos juninos também têm promovido solidariedade em muitos dos municípios onde a festança é realizada. Isso porque em grande parte delas houve a doação dos alimentos produzidos para as festas a entidades situadas nas cidades.

Somente nas 10 primeiras festas já realizadas em junho, mais de 4,5 mil pessoas passaram pelos recin-

tos em uma totalização do público de uma maneira geral. Além disso, segundo dados das equipes de organização destes eventos, a grande maioria foi composta por cooperados, em uma representatividade em torno de 90% sobre o total de público das festas.

O presidente da Coopermota, Edson Valmir Fadel, destaca que a cada festividade como essa a cooperativa se aproxima ainda mais do cooperado. “Estas festas são oportunidades reais de integração junto aos nossos cooperados, dando um sentido maior de proximidade da Coopermota com aqueles que compõem a cooperativa. Nestes eventos reunimos não só o cooperado propriamente dito, como toda a sua família, os quais não estão com tanta frequência na cooperativa. É realmente uma oportunidade de evidenciar o caráter de grande família mantido no modelo de atuação da Coopermota”, afirma. ■



As festas foram realizadas nas próprias unidades da cooperativa ou em entidades que foram beneficiadas com doações e descontração junina.

ASSIS



CÂNDIDO MOTA



CAMPOS NOVOS PAULISTA



IBIRAREMA



IÊPE





IPAUSSU



PALMITAL



RIBEIRÃO DO SUL



TUPÃ



"ÊITA ARRAIÁ BOM DEMAIS SÔ!!"





ARTIGO EMBRAPA

A VIRADA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA BRASILEIRA

por: Amélio Dall'Agnol, pesquisador da Embrapa Soja.
Parceria Embrapa & Coopermota

O campo está migrando das pequenas propriedades tocadas com muito esforço e sacrifício com a mão de obra das famílias proprietárias, para grandes empresas agrícolas altamente especializadas.



Diariamente vemos e ouvimos a imprensa nos dizer que o agro é tech, é top é tudo. Faz sentido. Comparando a evolução desse setor com o de outros segmentos da economia brasileira, o agronegócio deslanchou, surpreendeu e se distanciou do Brasil real. Seu espetacular desenvolvimento chama a atenção, não somente de nós brasileiros, mas do mundo. Afinal, o Brasil é um país “Em Desenvolvimento”, mas quando observado desde a perspectiva agrícola, aparenta ser “Desenvolvido”! O desenvolvimento deste setor foi muito superior em relação aos demais da economia brasileira, despontando como o principal responsável pelos superávits e equilíbrio da balança comercial brasileira. Foi de quase US\$ 900 bilhões o superávit comercial do agronegócio do Brasil no período 2000/2016, em contraste com déficits na maior parte dos demais setores.

A grande virada do agronegócio brasileiro começou na década de 1970, quando o Brasil se descobriu com

potencial para ser grande produtor e fornecedor de soja para os mercados nacional e internacional. A soja foi o motor desse avanço, que, além de tornar-se, ela mesma, o principal produto exportado pelo Brasil, estimulou a produção de milho que, juntos, promoveram a produção de carnes, tornando o país o maior exportador global. Que a “Carne Fraca” não nos derrube desse patamar, tão duramente alcançado.

No início dos anos 70, a produção de soja no Brasil era pequena: 1,5 milhões de toneladas (Mt) em 1970 e concentrada no sul do Brasil. No final da década, considerando o valor bruto da produção, a soja já era a cultura líder do agronegócio nacional (15 Mt, em 1979). A descoberta do potencial da soja levou milhares de produtores da região sul – onde a terra era escassa e cara – para o Cerrado, transformando essa região marginalizada, despovoada e desvalorizada no maior centro produtor de commodities agrícolas do país. “O desenvolvimento do Cerrado brasileiro deve ser considerado um dos maiores eventos do sé-



O superávit comercial do agronegócio foi de US\$ 900 bilhões entre 2000 e 2016.

culo XX” declarou Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz de 1960.

Mas não foram todos os produtores rurais que se beneficiaram desse rápido desenvolvimento. Segundo Eliseu Alves e Daniela Rocha, 27 mil estabelecimentos agrícolas empresariais respondem por mais da metade do valor bruto da produção agrícola brasileira (R\$ 528 bilhões, em 2016). A grande maioria dos 4,5 milhões de estabelecimentos rurais ainda busca o caminho do sucesso, que poderá nunca chegar, porque

lhes faltam as ferramentas necessárias para deslanchar: pouca terra, pouco domínio tecnológico, falta de assistência técnica, falta de maquinário ou máquinas obsoletas, e, também, mão de obra familiar escassa, porque os jovens estão preferindo migrar para a cidade, atrás de mais conforto e lazer. Estes pequenos produtores, no entanto, embora carentes de prestígio e de bem-estar, são os principais provedores dos alimentos que consumimos diretamente, como frutas, hortaliças, leite e ovos.



27 mil estabelecimentos agrícolas empresariais respondem por mais da metade do valor bruto da produção.



O êxodo rural não é novidade brasileira. Isto aconteceu, por exemplo, também nos EUA entre as décadas de 1940 a 1980, quando mais de 60% dos estabelecimentos rurais desapareceram. Hoje, também está acontecendo na China, assim como em muitos outros países, mundo afora.

O campo está migrando das pequenas propriedades tocadas com muito esforço e sacrifício com a mão de obra das famílias proprietárias, para grandes empresas agrícolas altamente especializadas que fazem uso da automação nos processos produtivos, onde a máquina substitui gradativamente a mão de obra, com menos esforço e menor custo. Além de mais potentes e mais sofisticadas, a quantidade de máquinas nos campos de produção cresceu, permitindo maior rendimento operacional e maior conforto para os seus operadores.

Assim como as máquinas foram importantes na aceleração do desenvolvimento agrícola nacional o uso de biotecnologias, como a engenharia genética, trouxe sofisticação no desenvolvimento de novas cultivares de soja, milho e algodão, modificando seu DNA via incorporação de genes estranhos às culturas e facilitando o controle de suas pragas e invasoras. Essas mudanças contribuíram para alavancar a produção agrícola brasileira, gerando enormes excedentes exportáveis que promoveram o Brasil de importador de alimentos para segundo maior exportador e gerador de enormes superávits para a balança comercial brasileira.

O Brasil agrícola mudou e poderá ensinar o caminho do campo para outros setores da economia nacional. ■

ARTIGO IAC

ADUBO QUÍMICO NÃO É AGROTÓXICO

por: Paulo Espíndola Trani e Márcio Koiti Chiba
Pesquisadores científicos do Instituto Agrônomo (IAC), da Secretaria de Agricultura
e Abastecimento do Estado de São Paulo.
Parceria Coopers & Lybrand & IAC

As doses de fertilizantes recomendadas e aplicadas na maioria das culturas praticamente não causam nenhum mal para o meio ambiente, no caso o solo.



Ao longo dos últimos anos, diferentes notícias, artigos e reportagens veiculadas na imprensa mantêm certa confusão na interpretação de que adubos químicos seriam agrotóxicos, ou então, contribuiriam para poluir o meio ambiente. Isso não é verdade.

Os adubos químicos (fertilizantes minerais) são produtos que contêm nutrientes essenciais para as plantas, fabricados em geral, a partir de elementos naturais contidos na natureza. Assim é, por exemplo, que adubos fosfatados concentrados são originados do tratamento de rochas fosfatadas naturais. Após esse tratamento, tais produtos tornam-se solúveis em água ou em ácidos orgânicos fracos, naturalmente presentes no solo, e ficam rapidamente disponíveis para as plantas. Isso é muito importante para aque-

las espécies de ciclo curto, como as hortaliças, arroz, milho e feijão, que podem se beneficiar prontamente do nutriente.

As doses de fertilizantes recomendadas e aplicadas na maioria das culturas praticamente não causam nenhum mal para o meio ambiente, no caso o solo. Mais: apresentam efeitos benéficos como o aumento na produção de massa verde pelas plantas, o que possibilita melhor cobertura vegetal do solo e diminui os riscos de erosão. É importante destacar que as doses recomendadas para cada tipo de planta são resultado de muitos anos de pesquisa científica em condições de campo, nas quais tanto o aspecto econômico quanto o ambiental são considerados.

É também frequente a colocação em confronto, pelos leigos, dos fertilizantes orgânicos e químicos. Inú-



meros trabalhos de pesquisa agrícola demonstram ser economicamente interessante a associação dos dois tipos de fertilizantes para diferentes culturas, como hortaliças e frutíferas, em especial. As plantas absorvem os nutrientes presentes no solo, em geral, na forma de íons, independentemente de serem provenientes de fonte orgânica ou mineral.

Um dos problemas do uso exclusivo de fertilizantes orgânicos, principalmente os esterco de animais, está relacionado com as quantidades necessárias para fornecer os nutrientes requeridos pelas plantas. Por exemplo, esterco quando aplicados de maneira isolada deveriam alcançar entre 10 e 50 toneladas,

por hectare, em média, já que contêm os nutrientes nitrogênio, fósforo e potássio (NPK) em baixas concentrações. Isso poderia tornar a utilização desses adubos orgânicos antieconômica.

Além disso, os adubos orgânicos, em geral, contêm o NPK em proporções inadequadas: uma tonelada de esterco de curral curtido corresponde, em média, a 50 quilos da fórmula NPK 10-5-10, cuja relação 2:1:2 não é adequada para a adubação de plantio. Os adubos minerais têm a vantagem da alta concentração de nutrientes. Outra opção é a associação de adubos minerais e orgânicos. Algumas indústrias já comercializam fertilizantes organominerais, em que os adubos



As plantas absorvem os nutrientes do solo na forma de íons.

químicos e orgânicos são misturados de maneira que a concentração de nutrientes seja mais próxima da que as plantas necessitam.

Ressalta-se também que, enquanto os agrotóxicos ou defensivos químicos em contato com a pele ou aspirados, mesmo em doses pequenas, podem causar intoxicações graves, o mesmo não ocorre com fertilizantes minerais que, na prática, podem causar danos à saúde apenas quando ingeridos. Enfim, o grau potencial de intoxicação de um fertilizante é muito menor do que o de um agrotóxico.

A baixa produtividade de algumas culturas, ainda observada em diversas regiões do País, em geral não

é devida à utilização excessiva de fertilizantes químicos e pode estar relacionada com outras causas como: plantio e condução da cultura sem a devida orientação técnica; uso de espécies e cultivares de plantas não adaptadas para o local; utilização de calcário e fertilizantes, com quantidade e modo de aplicação de maneira desequilibrada ou inadequada; aplicações de defensivos (agrotóxicos) em doses e frequência fora das recomendações técnicas e sem a correta calibração dos pulverizadores; manejo errado do solo, principalmente quanto ao controle da erosão e à escolha inadequada da irrigação, quanto ao sistema e quantidade de água utilizados. ■



ARTIGO FCSTONE

MILHO: PRÊMIOS ESTABILIZADOS

por: Leandro Souza
Consultor em Gerenciamento de Riscos

Porto de Paranaguá: prêmios com poucas chances de subir para níveis maiores que os atuais

INTL · FCStone[®]

Estamos caminhando para uma safra recorde de milho. Segundo a previsão da INTL FCStone teremos uma safra total no ano de 97,63 milhões de toneladas, com grandes possibilidades de nos aproximar das 100 milhões de toneladas.

A produção da 2ª safra de milho corresponde a mais de 60% desse volume com uma produção estimada de 65,19 milhões de toneladas.

A comercialização do cereal continua lenta por parte dos produtores e com uma produção recorde como essa, precisamos manter nosso planejamento atualizado e com todas as alternativas disponíveis no mercado à nossa disposição.

A exportação será provavelmente uma dessas alternativas. Tanto pela necessidade de escoarmos o produto que não conseguimos acomodar nos ar-

mazéns, quanto porque o mercado consumidor dificilmente irá absorver um volume excedente nesse momento de oferta robusta. Essa iniciativa terá concorrência por um tempo com o complexo de soja que também está com uma oferta robusta

no mercado interno. Porém, os volumes de line-up nos portos mostram que o milho começa a ganhar espaço com cerca de 1 milhão de toneladas esperando para serem embarcadas ou ao largo.

Milho (mil toneladas)*	
Acumulado do ano (2016/17)	1.195,10
Acumulado do ano (2015/16)	7.792,80
Estimativa Exportações Conab	26.000,00
Meses restantes no ano safra	8
Quantidade necessária para atingir o total da Conab	24.804,90
Quantidade necessária mensalmente para atingir o total da Conab	3.100,61

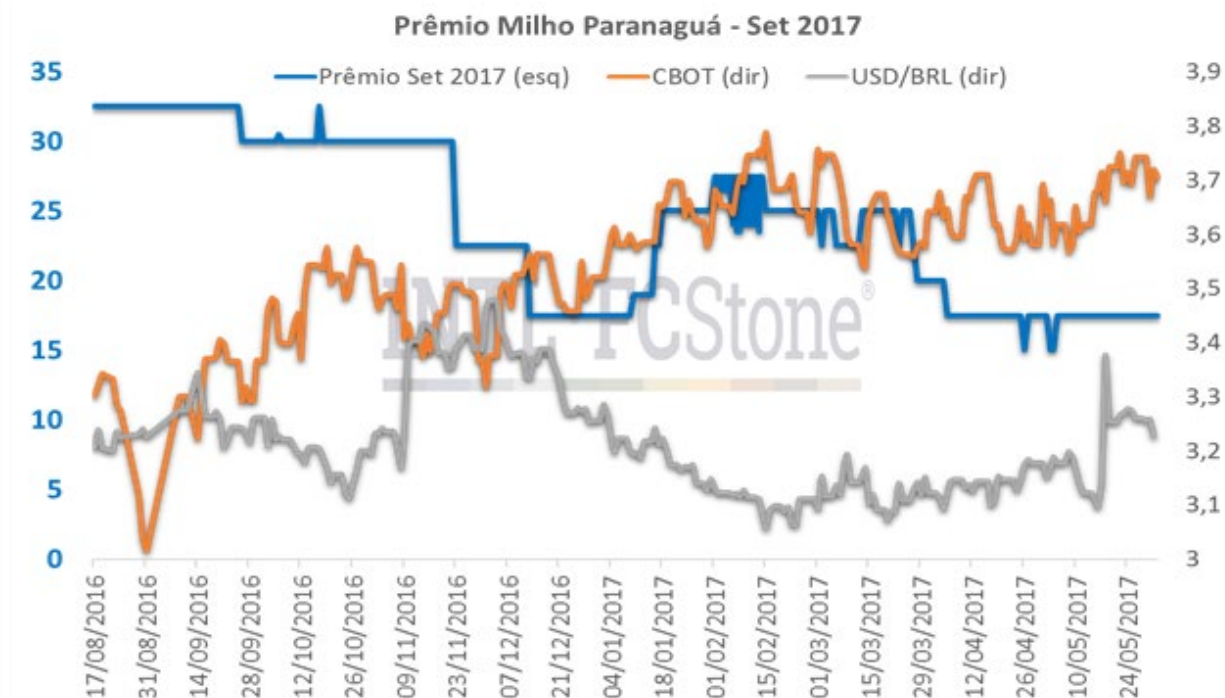


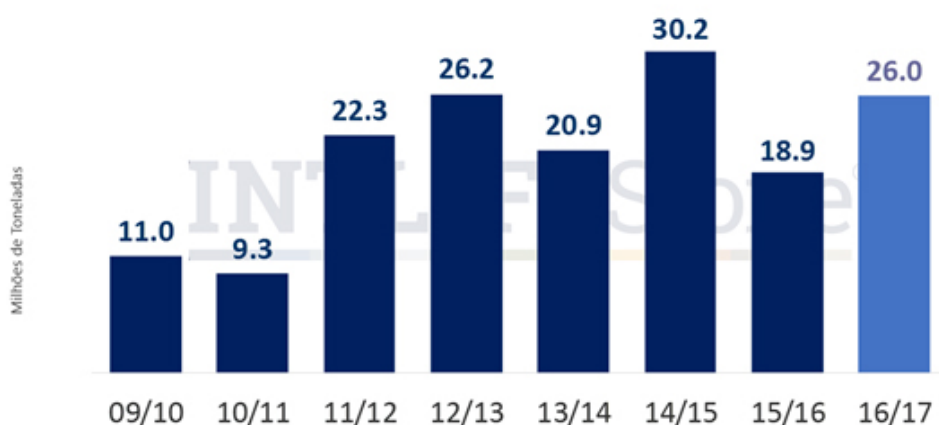
* A Conab utiliza fevereiro a janeiro como base para a estimativa das exportações

Pensando no potencial que teremos nos negócios para exportação, gostaríamos de chamar a atenção para um dos formadores de preço negociados no porto: o prêmio. Sabemos que os prêmios nos portos são afetados por alguns fatores de oferta e demanda, como a necessidade de embarque dos players (tradings) comprados, as demandas mundiais, a disponibilidade de milho chegando até o porto, o atraso ou o avanço de colheita bem como de oferta do produto, a taxa de câmbio, a oferta

e demanda interna, a logística interna e mundial, além da disponibilidade de armazém e disputa de espaço com outros produtos, como soja e trigo.

O mercado de milho internacional atualmente está bastante ofertado. Estamos acompanhando de perto o desenvolvimento da safra nos EUA que hoje é um dos principais exportadores de milho e provavelmente a principal influência nos preços da Bolsa de Chicago de agora em diante, até que a safra americana se confirme.





O USDA prevê uma produção menor na safra 17/18 devido principalmente a uma redução de área plantada e uma estimativa de rendimento dentro de uma média normal (diferente dos records do ano passado). Já a taxa de câmbio também será um fator determinante para o fluxo de negócios e, conseqüentemente, da oferta no porto. Temos atualmente um câmbio bastante volátil e isso pode atrair volumes maiores para a exportação, com boas oportunidades.

Podemos tirar algumas ideias desses dados. Nos anos como o de 2016, em que tivemos uma quebra muito alta na produção, os prêmios se fortaleceram muito. Outro dado interessante é que quando temos a Bolsa de Chicago e/ou dólar em alta, os prêmios tendem a enfraquecer.

PREÇOS HISTORICAMENTE BAIXOS

Hoje, nos portos dos principais exportadores que concorrem com o mercado brasileiro, os preços de milho estão muito próximos, variando de \$163,40/ton, no Golfo, USA; \$155,51/ton, no River, Argentina; e \$159,90/ton, em Paranaguá, no Brasil. Não temos nenhum exportador que se destaque e os preços estão historicamente baixos. Esse cenário é resultado principalmente da oferta robusta que temos hoje nesses países e no mundo.

Os prêmios para setembro são negociados atualmente entre 15 e 25 cents/bushel. Se considerarmos que a Bolsa de Chicago entra agora em um período de bastante atenção com a safra americana, podemos imaginar um suporte ou até momentos de alta na bolsa. Para o dólar temos o mesmo cenário, que, como dito anteriormente, provavelmente continuará com alta volatilidade.

Com esses fundamentos, os prêmios nos portos brasileiros teriam poucas chances de subir para níveis maiores que os atuais. O principal motivo seria o de manter os preços competitivos em um ambiente de necessidade de escoamento. Temos vários players no mercado com negociação já em andamento e se em algum momento os prêmios tentarem se fortalecer estes players irão "bater" nas fixações, enfraquecendo prêmios. Precisamos avaliar constantemente os principais fatores que podem influenciar na negociação dos prêmios, mas hoje a tendência é de manutenção ou enfraquecimento dos níveis negociados em Paranaguá.

Mantenha seu planejamento atualizado e fale com seu consultor para avaliar com cautela as metas para o prêmio, assim como de CBOT e USD. Isso faz diferença na formação de preço que teremos na exportação. ■

As lagartas ainda estão aí!

Por isso, a solução tem que ser

 **Voraz**®



Voraz®

O parceiro da biotecnologia.

ADAMA 

adama.com

Este produto é perigoso à saúde humana. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



ARRAIÁ COOPERMOTA

Vêm aí as Festas Julinas
da Coopermota.

Paraguaçu Paulista
15 de julho

Teodoro Sampaio
15 de julho

 **Coopermota**
Sempre ao lado do agricultor
www.coopermota.net